

“Entre pais e filhos”: aprendizagem musical dos filhos na relação com seus pais

João Paulo Rezende de Oliveira
Universidade Federal de Uberlândia
joaopaulorezende17@gmail.com

Cíntia Thais Morato
Universidade Federal de Uberlândia
cintiamorato97@gmail.com

Comunicação

Resumo: Esta comunicação de pesquisa relata as formas de como ocorre a aprendizagem musical dos filhos na relação com seus pais. Trata-se de um recorte dos resultados de uma pesquisa de graduação que buscou conhecer e entender a transmissão do conhecimento musical dos pais na formação de seus filhos, sendo estes cinco estudantes do Curso de Graduação em Música da Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia, MG. O contexto teórico da pesquisa compreende a aprendizagem musical como prática social (SOUZA, 2008).

Palavras-chave: Educação musical como prática social; Aprendizagem musical entre pais e filhos; Modos de aprendizagem musical.

Introdução

Esta comunicação apresenta um recorte dos resultados de uma pesquisa de graduação desenvolvida na Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia, MG, e discute a categoria analítica que trata de formas como ocorre a aprendizagem musical dos filhos na relação com seus pais: os hábitos familiares importantes para a aprendizagem musical dos filhos; as aulas com os pais em casa; a audição musical vista como transmissão e construção do gosto musical. Essas formas podem estar “encobertas” (GOMES, 2009) nos hábitos culturais dos pais que os filhos tomam para si, consciente ou inconscientemente, como “obrigatórios” (BERGER; LUCKMANN, 2003), mas podem também ser vislumbradas a partir dos projetos educacionais que os pais planejam para os seus filhos.

A pesquisa se sustenta nos conceitos de prática social e socialização relacionados à educação musical, entendidos sob a perspectiva de Souza (2000) e Berger e Lukmann (2003). Ajudaram ainda na arquitetura do objeto de estudo, as pesquisas desenvolvidas por Gomes

(2006; 2009) e Carvalho (2009), além do estudo sociológico sobre a genialidade de W. A. Mozart, desenvolvido por Elias (2005).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa por visar entender os significados que os entrevistados dão ao processo educativo-musical em que foram submetidos por seus pais desde a infância. Para a coleta de dados, ocorrida entre final de 2014 e início de 2015, foi usada a entrevista semiestruturada tendo sido entrevistados cinco alunos¹ do Curso de Graduação em Música da UFU:

Ana Paula²: estuda canto na universidade, e também toca piano. Ana Paula considera que, desde pequena, sempre quis ser igual ao pai e seguir a carreira de musicista.

Lia: estuda flauta transversal na universidade. Começou a aprender música antes de ser alfabetizada. Sua família é formada por músicos e considera ter sido muito estimulada em casa.

Maria: também estuda flauta transversal na universidade. Quando tinha entre 6 e 7 anos, já sabendo ler e escrever, seu pai comprou-lhe uma lousa para lhe ensinar teoria musical.

Mariana: estuda violão na universidade. Filha de pai *luthier* e compositor, diz ter iniciado sua aprendizagem musical desde pequena quando seu pai construía pequenos violões para ela e seus irmãos.

Pedro: também estuda violão na universidade. Aprendeu a tocar violão com seu pai. Considera que seu pai era muito rígido nas aulas de violão, mas observa que essa rigidez do pai foi importante para sua aprendizagem musical.

Hábitos familiares importantes para a aprendizagem musical dos filhos

Os hábitos socioculturais dos pais podem ser tomados pelas crianças como “naturais”. O hábito não se torna “natural” simplesmente por ser internalizado pela criança, mas porque a internalização ocorre imersa na afetividade paterna e materna. Parafraseando Lahire (1997, p. 20), quando a criança conhece as músicas escutadas por seus pais, ela capitaliza – na relação

¹ Todos os entrevistados são filhos de pais músicos, que atuam ou que atuaram profissionalmente com música (caso de Mariana).

² Para a preservação da identidade dos alunos entrevistados, os nomes apresentados são fictícios, escolhidos pelos próprios.

afetiva com eles – estilos musicais que poderá reinvestir em sua escuta ou nos atos de produção musical. Assim, a música, para a criança, faz parte das ferramentas cotidianas através das quais recebe o afeto de seus pais. Isso significa que, para ela, afeto e música não são duas coisas separadas, mas estão bem associadas. O fato de ver seus pais escutando ou tocando música pode dar a esses atos um aspecto "natural" para a criança, cuja identidade social poderá construir-se, sobretudo através deles (ser adulto como seus pais significa, naturalmente, saber música).

Ana Paula recorda que quando era criança, seus pais tinham o hábito de cantar para ela quando estava triste, ela lhes falava:

- “Canta pra mim?”; os dois cantavam. Era aquele estilo meio sertanejo, mas eu gostava muito de ouvir os dois e era muito emocionante [ouvi-los] cantarem hino. Eles cantavam canções de amor, geralmente Rayssa e Ravel que é uma dupla gospel, né. (Ana Paula, entrevista realizada em 16/12/2014).

Por escutar os pais sempre cantando dentro de casa, ao entrar no conservatório, as músicas que lhe eram ensinadas Ana Paula já as tinha aprendido com seus pais. Assim, ela sentia necessidade de aprender outras coisas por estar mais “avançada” do que as outras crianças:

[...] tinha até aulas de canto coral [no conservatório], mas eu queria ter aquela experiência do aluno e professor, eu queria aprender mais, porque as músicas que eles [professores do conservatório] davam, era tudo que eu aprendia em casa, então pra mim era muito fácil aquilo. Eu queria mais, eu queria aprender técnica de respiração, eu queria aprender técnica para jogar projeção de voz, outros idiomas, fazer dicção. (Ana Paula, entrevista realizada em 16/12/2014).

Um hábito da mãe que Ana Paula “tomou para si” foi o de assistir vídeo clipe de *flashback*. Ela nos conta que nos momentos de cuidar da casa, Ana Paula e sua mãe passavam horas assistindo e escutando *flashbacks*:

[Eu e] minha mãe, a gente amava assistir os *flashbacks*, porque ela gostava muito de *flashbacks*, ela gostava muito de Celine Dion, a

gente assistia Brian Adams, Bon Jovi... A gente assistia demais, passava horas na frente [da TV] vendo os *flashbacks*, a gente limpava a casa escutando, acabava as noventas músicas e a gente punha de novo e ouvia. (Ana Paula, entrevista realizada em 16/12/2015).

Lia relembra que quando criança seu pai também tocava para ela dormir:

[Meu pai] também tinha a rotina de tocar quase toda noite para eu dormir porque eu era muito inquieta. Ele tocava sempre. (Lia, entrevista realizada em 13/01/2015).

Um hábito do pai que Lia tomou para si era o de escutar música no rádio ou em fita cassete, já que na época não havia as opções tecnológicas como as de atualmente (smartphone, computador, *Ipad*). Lia e seu pai escutavam música todos os dias na rádio local:

[Meu pai] tinha um ritual, todos os dias..., na época era muito complicado não existia internet e a gente não tinha muitas opções, o que tinha era rádio. Ele tinha muita fita, e o ritual diário era, por volta de quatro horas da tarde, ele parava de trabalhar e falava: - “[Lia] agora vamos escutar música”. Então, tinha no programa da rádio local os Clássicos da Hora. Eu tinha que escutar todo o programa com ele, todos os dias era música erudita. (Lia, entrevista realizada em 13/01/2015).

Durante a escuta do programa na rádio local, Lia conta que brincava com o pai o jogo de falar nome de compositores eruditos. Um dia, quando eles estavam brincando, Lia mostrou que sabia mais nomes de compositores do que seu pai:

Um dia ele [se] surpreendeu, porque eu gostava muito de brincar com ele, ele era o [meu] melhor amigo. [Lia:] - “Vamos brincar?” [Pai:] “Então vamos”. [Lia:] - “Eu falo o nome de um compositor e você fala o nome de outro compositor”. [Pai:] - “Então tá”. Então ele começou: “Bach”. Aí eu: - “Mallack”. [Pai:] - “Wagner, Beethoven, e tal”. Chegou uma hora que o repertório dele acabou e o meu continuou e eu continuei falando um tanto de compositores, porque, como ouvia rádio todos os dias, eu ia decorando o nome dos compositores e meu repertório de música erudita ia ampliando. (Lia, entrevista realizada em 13/01/2015).

Mariana também relata que quando era mais nova, tinha o costume de escutar músicas com seus pais e com seu irmão. Mas quando as novas tecnologias se aproximaram, esse hábito raleou:

Lá em casa todo mundo estava sempre ouvindo música, principalmente meu pai e minha mãe. E antigamente era todo mundo ouvindo junto; agora, hoje em dia, fica cada um num computador. (Mariana, entrevista realizada em 13/01/2015).

Maria diz que o pai tinha o hábito de levar as filhas em concertos de orquestras ou em apresentações na Igreja:

Tinha aquele circuito SESC, não sei se aqui [em Uberlândia] tem, mas lá no Estado de São Paulo tem muito. O SESC faz uma apresentação cultural nas cidades do interior e leva bandas de música boa... música boa, assim, né... música popular brasileira, toca jazz, essas coisas. Então, ele levava a gente muito nessas apresentações, sabe. - “Vamos assistir tal banda”; - “Vamos assistir”... não sei o que... [Mas], quando a gente [Maria e a irmã] era bem adolescente, novinha, não tinha muito disso, no máximo, a gente ia nas apresentações da igreja. A banda de tal igreja ia tocar, a gente ia. Mas eram apresentações culturais que davam [pra ir] e de graça, por que também nunca teve condição de pagar pra ver. (Maria, entrevista realizada em 17/06/2015).

Podemos dizer que os hábitos culturais dos pais contribuem para a formação musical dos filhos. Estes hábitos propiciam que os filhos aprendam um novo repertório, seja por meio do rádio, televisão, computador, seja assistindo shows ou apresentações culturais na igreja.

Aulas em casa: aprender música com o pai

Duas entrevistadas revelaram que aprenderam a ler música antes ou na mesma época em que foram alfabetizadas. É interessante observar que, para os pais, não existiu a regra pela qual as filhas precisavam aprender a língua materna para depois aprender a leitura musical; pelo contrário, a partir do momento que as filhas começaram a ter contato com lápis e papel, e que produziram suas primeiras garatujas, os pais as introduziram ao aprendizado do código musical. As entrevistadas mostraram que os pais tentavam manter horários específicos para

ensinar teoria musical e que, desde cedo, já cobravam que elas estudassem, mesmo que não tivessem vontade para tal.

Lia relata que seu pai lhe ensinava teoria de forma metódica, mas lúdica, ou seja, ao mesmo tempo em que aprendia as figuras musicais desenhando e pintando, era lhe cobrado que decorasse as posições das notas no pentagrama. Relata ainda que seu pai “não estava trabalhando com criança”:

E eu queria ler né, como toda criança quer ler e tal. E, ao invés de me ensinar a ler, ele me ensinava notas. A gente tinha um horário [para a aula de teoria]. [...] Ele me dava caderno pautado para desenhar e tal. Até os desenhos eram em cima de caderno pautado. A forma que ele me ensinava era uma forma muito metódica, não era uma forma lúdica... ele não estava trabalhando com criança [risadas]. Eu tinha que decorar na forma dele, tipo: Fá no primeiro espaço, Sol na segunda linha e tal. [Pai:] - “Você tem que contar de baixo para cima, é assim, a clave de Sol começa na segunda linha e tal”. (Lia, entrevista realizada em 13/01/2015).

Como observado por Lia, ela queria aprender a ler “como toda criança quer”, mas o pai queria que ela também começasse a ter relação com a partitura, então proporcionava a leitura do código musical como se fosse um livro qualquer. Lia esclarece a forma lúdica com que seu pai lhe ensinava a leitura musical:

[...] Mas tinha a parte lúdica também que era de desenhar no caderno pautado, de reconhecer aquilo como algo que escreve música e tal. Então, eu lembro que com cinco anos eu lia música. (Lia, entrevista realizada em 13/01/2015).

Maria conta que quando tinha sete anos de idade, seu pai se propôs a dar aulas de teoria musical para ela e sua irmã. Era costume do pai, utilizar uma lousa para ensinar a leitura das notas musicais para as filhas.

A gente foi aprender música, teoria, pauta e nota quando eu tinha uns sete anos. Eu tinha sete e minha irmã tinha cinco. [Meu pai] colocou uma lousa lá em casa e falou: - “Agora nós vamos aprender música.” Eu gostava, mas minha irmã chorava horrores, porque ela não queria de jeito nenhum. E eu adorava aquilo. Ele começou a ensinar figura, semibreve, mínima. Tudo de um jeito muito lúdico,

às vezes brincando por causa da minha irmã. Mas ele falava que se ela não prestasse atenção na aula, ela ficaria de castigo. Era uma vez por semana. (Maria, entrevista realizada em 17/06/2015).

Como o pai de Lia, o pai de Maria ensinava de um jeito metódico, mas lúdico, para que a irmã de Maria não chorasse. Porém, mesmo usando esses recursos, o pai de Maria sempre foi exigente quanto ao objetivo da aprendizagem do código musical e afirmava que deixaria a irmã de castigo se ela não se empenhasse em aprender.

Ainda hoje, na idade adulta, Maria acentua a cobrança do pai diante das tarefas da faculdade:

E aí, hoje é daquele jeitão, eu chego em casa [e meu pai:] - “Minha filha, senta aqui do meu lado, me conta”...Direto ele faz eu gravar vídeos pra mostrar para ele que estou estudando, se eu não tiver estudando ele fica bravo e quer [sempre] ver meu histórico [escolar]. É desse jeito. Até hoje quem me ensina muitas coisas da faculdade, muitas dúvidas que eu tenho, tipo, teoria, harmonia, análise... é ele me ajuda. (Maria, entrevista realizada em 17/06/2015)

Esta preocupação para/com a aprendizagem musical de Maria pode ser associada não somente ao fato de que o pai queira ajudar a filha com dificuldades, mas também à tradição musical familiar que precisa ser transmitida e cuja “direção dos projetos musicais” precisa ser passada “aos familiares” (GOMES, 2009, p. 130). Assim, esta transmissão pode ser vista como uma “autoprojeção dos pais” (GOMES, 2009, p. 130) quando se planeja uma carreira musical para os filhos. No caso de Maria, isso ocorre também devido ao sonho de carreira do pai que queria se tornar um *performer*. Não conseguindo tal feito, ele se preocupa com os estudos de Maria porque quer que ela seja o que ele não conseguir ser:

Ele chorou muito, quando eu passei na prova específica. [Pai:] - “Você tá realizando o sonho do pai, fazer uma faculdade de música presencial!” Eu acho que é por isso que tem muito [essa] cobrança em cima de mim da parte dele, muita cobrança. (Maria, entrevista realizada em 17/06/2015).

Maria ainda diz que a iniciação musical com o pai repercutia na aula de música da escola. Como era a única aluna da turma que conseguia ler partitura, sua professora de música na escola lhe dava destaque de solista:

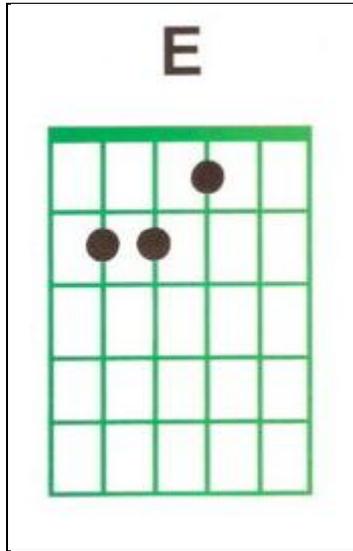
Quando eu fui ter aula na escola de flauta de doce eu já sabia ler partitura, porque já tinha aprendido com [meu pai]; tava aprendendo com ele, então já sabia ler. Então às vezes eu já estava muito mais adiantada que muitos alunos. Tanto que, direto eu fazia solinhos, ela [me] colocava para fazer solinhos, porque eu lia, os outros não liam, eram tudo de ouvido. (Maria, entrevista realizada em 17/06/2015).

Diferentemente de Lia e Maria, Pedro relata que seu pai começou a lhe ensinar as primeiras notas no violão, sendo que, como não havia a ajuda da internet na época, tudo era feito em um caderno:

Ele comprou um violão de [cordas de] nylon pra mim e eu comecei a estudar com ele, ele me ensinava. Passava música pra mim, passava o ritmo... tudo de maneira bem informal. Ele escrevia a música no papel, [pegava] o caderno, pegava a régua e desenhava, fazia as seis cordas do violão no papel, fazia as casas, mais ou menos até a casa cinco, e colocava os pontinhos; escrevia a cifra em cima [da letra], na hora de trocar o acorde... [cantarolando]. E eu pegava e fazia o ritmo tocando e cantando. (Pedro, entrevista realizada em 26/05/2015).

O desenho das “seis cordas do violão no papel”, das “casas, mais ou menos até a casa cinco, e [dos] pontinhos” que o pai de Pedro fazia para ensinar-lhe as cifras e a hora de trocar o acorde pode ser ilustrado como:

Figura 1: Desenho do braço do violão da primeira à quinta casa. As esferas pretas são os lugares onde o violonista deve apertar com os dedos da mão esquerda.



Fonte: Ilustração retirada do Google Imagens, 31/09/2015.

Pedro também conta como eram as aulas com seu pai. Os dois sentavam um de frente ao outro e, depois dos acordes, o pai lhe ensinava o ritmo vagarosamente. Pedro aprendia observando-lhe os movimentos da mão direita:

Eu sentava de frente para ele; ele pegava o violão e fazia devagar... [tocando violão]. Eu pegava e ia fazer. Aí ele falava: - “Para baixo”... [tocando violão]. Eu fazia errado e ele: - “Não, não...” [tocando violão novamente]. E assim foi indo e eu fui me desenvolvendo. O ritmo que ele poderia passar foi assim³. (Pedro, entrevista realizada em 26/05/2015).

³ Exemplo aleatório apenas para exemplificar a fala de Pedro: Ritmo vanera marcada - Prof Luciano Ebling. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ZTblof0ts2A>. Acessado em 13/12/2015.

Ouvir música: transmissão e construção do gosto musical

Os entrevistados disseram que o gosto musical dos pais exerceu bastante influência na construção do seu próprio gosto musical. Assim, as músicas ouvidas em casa (seja pelo rádio, pela reprodução do vinil, do CD ou DVD) ou fora dela (nos shows e apresentações artísticas ou religiosas) fazem parte da construção das preferências musicais dos filhos.

As preferências musicais das famílias, especialmente das famílias de músicos – sejam ou não profissionais – estão sempre sendo transmitidas às novas gerações (GOMES, 2009, p.131), pois são retomadas dia após dia. Ou seja, mesmo que os pais não “obriguem” os filhos a gostarem das mesmas músicas que eles, isto acontece inconscientemente pelo fato do próprio hábito de escutar música dentro de casa. Isso é o que Bozzeto (2012) descreve como “hábito incorporado na vida cotidiana” (p. 122).

Escutar as músicas dos pais, no entanto, não aparece com exclusividade na formação do gosto musical dos filhos. Há realmente uma transmissão do gosto musical dos pais para os filhos, mas são os próprios filhos que constroem seus gostos musicais, selecionando ou excluindo a partir de suas preferências o que podem ser igual ou diferente dos pais. Gomes (2009, p. 113) alerta que “a variedade de músicas e estilos musicais presentes no ambiente familiar, na prática da escuta ou da execução, algumas vezes podem ser indesejáveis” (GOMES, 2009, p. 113).

Ana Paula relata que suas preferências musicais foram uma fusão dos gostos musicais do pai e dos gostos musicais da mãe:

Nossos gostos em termos eruditos são bem iguais e em termos... até em populares eu puxei muito ele [pai], porque ele é que nem eu, eclética. Ele escuta rock, ele gosta de dança de rua e gosta de ópera. E puxei ela [mãe] nessa parte de gostar até de Chitazinho e Xoróro, que eu gosto das letras... foi mais ela. E *flashbacks* também, Bon Jovi, Brian Adams, Celine, essas músicas mais calmas assim eu puxei dela. Então acabei pegando o que ele não gosta, nisso eu acabei pegando dos dois, gostando de tudo eu acho. Então acabou que me tornei muito parecida com ela também. (Ana Paula, entrevista realizada em 16/12/2014).

Pedro diz que teve muitas influências musicais “boas” vindas do próprio pai:

Queen, muito por causa do meu pai. Ele ainda me apresenta muita coisa boa ainda, o meu pai... *Sticks* é uma banda da década de 70 para 80, *Kansas*, coisas que eu tive contato e que muita gente não teve, sabe... muita gente dessa nova geração. (Pedro, entrevista realizada em 26/05/2015).

Pedro diz também que não gostava de algumas preferências musicais da mãe:

Minha mãe gostava de coisas como *October Project* [banda de pop rock] que eu não gostava, era uma banda irlandesa que tinha umas músicas lentinhas, não gostava muito não. (Pedro, entrevista realizada em 26/05/2015)

Pedro finaliza dizendo que, hoje em dia, o seu gosto musical não está tão compatível com o dos pais. Como já visto, o gosto musical dos pais foram importantes para sua formação, mas ele está construindo o seu próprio gosto musical, já que houve um “refinamento” de sua escuta:

O meu gosto musical hoje em dia não está tão compatível mais, já que eu estou gostando de uns aspectos mais diferentes. Eu escuto coisas que meu pai não escuta, talvez ele não entenda, minha mãe não escuta, porque ela não entende. (Pedro, entrevista realizada em 26/05/2015).

Mariana relata ter muitas preferências musicais iguais às da mãe; lembra que o fato da mãe ter escutando muito Elis Regina marcou muito a vida dela:

Eu me lembro que tinha muitos [vinis]... eu gostava de Clube da Esquina, a minha mãe amava Elis Regina e ela sempre ouvia. Tudo que... obras que a Elis Regina gravou, ela escutou. E isso marcou muito também, eu gosto muito de Elis Regina até hoje e pra sempre [risadas]. E tinha algumas coisas de rock progressivo também. Beatles, minha mãe também adora Beatles e música brasileira em geral. Clube da Esquina... eu ouvia isso tanto quando era criança, até hoje eu ouço tanto... (Mariana, entrevista realizada em 21/05/2015).

Maria diz que seu gosto musical é muito parecido com do seus pais. E a influência dos pais é tão presente que, segundo Maria, ela não gosta de escutar MPB porque os pais nunca escutaram. Importante ressaltar que Maria tem preferência por músicas que a mãe não gosta e que o pai aprendeu a escutar por causa dela:

É muito parecido, se eu gosto de música erudita e porque eles gostam. É como eu te falei, eu não ouvia MPB, porque eles não ouviram, eles não gostam muito, então eu não gosto muito. Só que tem muitas coisas que eu ouço hoje, que nem música contemporânea, que a minha mãe não gosta e o meu pai curte. Que nem esse gosto pela música do período clássico; vem deles porque eles gostam muito, principalmente a minha mãe. Essa coisa da música erudita, do jazz, do rock que parte mais para o popular foi mais por causa do meu pai, porque ele ouvia muito. É muito parecido, muito parecido mesmo. (Maria, entrevista realizada em 17/06/2015).

Lia conta que a influência musical do pai foi muito importante para ela e para sua mãe, pois as duas escutavam e escutam muito as músicas do pai:

É uma confiança muito forte, se o meu pai falar que é bom, eu estou ouvindo e eu confio muito. Então assim, o mesmo [gosto musical] em tudo, sabe. Minha mãe também é o mesmo, nós somos influenciadas pelo o meu pai [risadas]. Eu acho que [ele] foi uma pessoa muito importante, talvez a [pessoa] mais importante da minha vida musical foi ele. (Lia, entrevista realizada em 13/01/2015).

O gosto musical pode se parecer ou não com o dos pais. E também pode haver uma fusão entre os gostos musicais do pai com os da mãe que configurarão os filhos em ouvintes ecléticos. Assim, gostando ou não gostando das músicas ouvidas em casa, os filhos, através dos pais, se tornam ouvintes críticos ao terem contato com o gosto musical familiar.

Conclusão

Nessa comunicação conhecemos pelas quais ocorreram a aprendizagem musical dos cinco entrevistados na relação com seus pais. Trata-se de processos de aprendizagem escondidos nos hábitos socioculturais dos pais como assistir vídeo clipes, ouvir programas de

rádio, ir a shows e apresentações artísticas e religiosas; e nas práticas de audição musical, quando se efetua (ou não) a transmissão do gosto musical dos pais. Podem se tratar também de processos programados de ensino musical como estudar teoria musical, aprender a ler música, aprender cifras. Todas essas formas incluem-se no processo de socialização primária (BERGER; LUCKMANN, 2003), pela qual o conhecimento musical é construído o tempo todo a partir do que os filhos vivenciam inicialmente ao lado dos pais e familiares, e posteriormente no meio social (escolas, igrejas, e outros espaços).

Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. (2003). 23. ed. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BOZZETO, Adriana. Projetos educativos de famílias e formação musical de crianças e jovens em uma orquestra. 2012. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CARVALHO, Dennis Almeida Lopes. *Aprendizagem musical não formal no ambiente do samba*. 2009. 72 f. Monografia (Curso de Licenciatura Plena em Música), Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ELIAS, Norbet. *Mozart: a sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

GOMES, Celson Henrique Sousa. *Educação musical na Família: as lógicas do invisível*. 2009, 214f. Tese (Doutorado), Instituto de Artes Programa de Pós-Graduação em Música/UFRGS, Porto Alegre, 2009. p. 116 - 121.

GOMES, Celson Henrique Sousa. Aprendizagem musical em família nas imagens de um filme. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 14, p. 109 - 114, 2006. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/artic/e/view/317/247>. Acessado em 11/12/2015.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

SOUZA, Jusamara. *Música, cotidiano e educação*. (Org.). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000.